

FILOSOFIA EM SÃO PAULO

(Especial para o "Correio do Povo")

VILÉM FLUSSER

O crescimento demográfico e econômico da cidade de São Paulo é um fenômeno que marca a história brasileira recente. Surgiu no Brasil "subdesenvolvido" uma ilha de superdesenvolvimento. As demais metrópoles brasileiras não passam, sob esse prisma, de miniaturas do mesmo processo. O clima paulistano é pois aquele que caracteriza um projeto em vias de realização perfeita. As oportunidades das quais brotou o projeto da cidade de São Paulo foram, em grande parte, transformadas em realidade. A "vontade" paulistana chegou ao "poder" (para falarmos com Nietzsche). Os canyons formados pelas caixas de cimento armado, as correntezas de latas de sardinha chamadas "automóveis", e a multidão amorfa que flui do negócio para o ócio, esta é a forma na qual se cristalizou a "vontade" paulistana. A natureza do plano paulistano está em vias de "humanização" derradeira na forma descrita. É a vitória da tecnologia, pelo menos por antecipação do resultado. O homem está se impondo sobre a sua circunstância em São Paulo.

O desaparecimento das coisas da natureza, e sua substituição pelos instrumentos da tecnologia, é, em São Paulo, um acontecimento recente. É apenas a geração nascida depois da Segunda Guerra a que cresceu nesse ambiente. Temos pois em São Paulo uma divisão nítida que separa gerações e mentalidades. A mentalidade pioneira, a "bandeirante", daqueles que ainda participaram, ativamente ou como público, da realização do projeto; e a mentalidade desiludida daqueles que já encontraram o projeto realizado. É o eterno problema de "pais e filhos", mas que assume em São Paulo proporções raras vezes alcançadas alhures. Esta situação clama por uma análise menomológica e existencial, e não duvido que será feita em futuro não distante. O presente artigo pretende iluminar apenas um aspecto do problema: o aspecto na filosofia. Sou grato pela oportunidade que o "Correio do Povo" me proporciona, já que para Porto Alegre a realidade paulistana é, provavelmente, o futuro iminente. Isto poderá dar significado às considerações seguintes.

É necessário distinguir entre dois significados do termo "filosofia". O primeiro designa uma disciplina dedicada ao estudo, mais ou menos rigoroso, de obras escritas por autores (estrangeiros em grande maioria), que tratam de um determinado tipo de problemas. "Filosofia" neste significado do termo é aquilo que as faculdades brasileiras ensinam e que resulta em

estética do marxismo. Pelo contrário, esse tipo de atividade reforça a sensação do absurdo de toda atividade. A filosofia no primeiro significado do termo torna-se, em ambiente assim, insignificativa. Urge, de maneira imperiosa, uma filosofia no segundo significado do termo.

Este o desafio que a situação atual lança aos pensadores paulistanos. Urge, em outras palavras, a formulação de uma filosofia (ou de várias filosofias), que consiga captar o interesse existencial da juventude sem meta. Trata-se no fundo, e pela primeira vez na história do Brasil, da necessidade de formular filosofias que digam respeito, imediatamente, àquilo que chamam por aí "realidade brasileira". Uma "realidade", com efeito, que é real apenas em São Paulo, mas que tende a realizar-se rapidamente no resto do país, dado o impulso do avanço da tecnologia. O desafio que está sendo lançado aos pensadores paulistanos é o de formar uma vanguarda intelectual que dê rumo à civilização brasileira e evite que estagne naquele "vanguardismo" exemplificado pela rua Augusta.

Mas os pensadores paulistanos pertencem a gerações que cresceram antes da realização da situação que estou descrevendo. São ainda "bandeirantes" esses pensadores. São ainda "progressistas". Os seus valores estão ainda, todos, naquele projeto que fez aquilo que é São Paulo. O seu ideal implícito é a transformação da sociedade num São Paulo gigantesco, embora num São Paulo idealizado ora nessa, ora naquela forma. Não admitem, e nem concebem, que esse ideal, quando realizado, resultará numa rua Augusta gigantesca. Como poderão, portanto, estar à altura do desafio? Somente se para tanto forem forçados, impiedosamente, pelo desenvolvimento em curso. Pela pressão que a geração nova contra eles exerce. A sua situação existencial é esta: ou saída do academismo da "primeira" filosofia para procurar formular uma "segunda", ou serão relegados ao esquecimento; e uma decisão existencial fundamental que está sendo exigida, e dessa decisão dos intelectuais paulistanos depende, em grande parte, o rumo do desenvolvimento da civilização brasileira. Uma situação imediatamente anterior a uma decisão é chamada "crise". É neste sentido que a filosofia em São Paulo está em "crise".

Uma crise é um momento perigoso. Mas é também um momento empolgante. Dá dramaticidade a todo ato daquele que dela participa. Confere a todo pensamento e a toda palavra escrita o cunho da aventura. Essa sensação da aventura pervade

quilo que as faculdades brasileiras ensinam e que resulta em professores de filosofia. O segundo significado designa um anseio fundamental da mente humana de encontrar um sentido na vida e algo que dê meta à atividade humana. Os dois significados podem ser facilmente confundidos, porque os autores, que são estudados pela "filosofia" no primeiro significado do termo, tratam de problemas da "filosofia" no segundo significado do termo. O resultado da confusão é o seguinte: o aluno entra na faculdade em busca da "segunda" filosofia, e recebe a "primeira". Encontra meta para as suas atividades somente na medida em que se torna assistente de professor de Filosofia. Isto não é muito grave em ambiente que se encarrega automaticamente de fornecer metas. Em ambiente, portanto, que corresponde a um projeto em vias de realização progressiva. Nesse ambiente toda atividade tem a meta da realização do projeto. Em São Paulo dos anos 30 e 40 era este o caso. Apenas espíritos "alienados" não participavam da pujança do projeto. Se estes espíritos isolados não encontravam satisfação para a sua sede filosófica, o lema era: "que se danem". Mas atualmente a situação é diferente. O ambiente do projeto realizado não fornece metas. "Prima facie" nenhuma atividade parece ter sentido. Pouco adianta, pois, num ambiente assim, estudar as fontes do pensamento de Hegel ou a

pensamento e a toda palavra escrita o cunho da aventura. Essa sensação da aventura pervade também o presente artigo. Confesso: este artigo tem meta. É a tentativa de seduzir os intelectuais de Porto Alegre a participar da crise. É um convite para o qual não estou autorizado por nenhuma legitimidade, não, ser pelo senso de urgência que a contemplação da situação provoca. É possível que a situação aqui apresentada seja exagerada. Mas é igualmente possível que contenha um núcleo de verdade. Neste caso, é possível que o leitor, ou não, terá a oportunidade de participar na atividade chamada "civilização brasileira". A nossa tarefa é procurar evitar que essa discussão se torne na conversa fiada do cotidiano, e na repetição tediosa de chavões gastas. Mas a natureza da conversa fiada é forte e estamos constantemente alimentados de nós mesmos. Não há palavra de Sartre. O que é preciso é um esforço penoso de arranque. Seremos capazes de fazer

CRUZ DO MÉRITO CÍVICO E CULTURAL

BRASÍLIA, 10 (C. P.) — Em portaria assinada, hoje, o ministro Flávio de Lacerda, da Educação e Cultura, oficializou a Cruz do Mérito Cívico e Cultural, instituída pela Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalística.